

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz

Correspondentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Povoã e Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esgueira, Angeja e Sarrazola (Cacia).

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA		Proprietário-Director e Administrador	Redactor e Editor	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Série de 50 números	24\$00	José Marques Damião	António da Costa Pinto	Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA)
Série de 25 números	12\$00	O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	Não se restituem quaisquer originaes, quer sejam ou não publicados.	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Estrangeiro; 50 números	50\$00			
Colunas	30\$00			

ECOS & NOTÍCIAS

ANIBAL CRUZ

Para assistir à inauguração da Ponte Angeja-Cacia, que como em outro lugar nos referimos teve lugar no último domingo, esteve entre nós 3 dias o nosso prezado camarada e Redactor Principal do «Ecos de Cacia», sr. Anibal Cruz, que já retirou para a capital na última terça-feira.

RELATÓRIO DA CAMARA

Recebemos o relatório da gerência do Municipio de Aveiro do ano de 1942, aprovado na sessão do Concelho Municipal, que é um documento elucidativo da actividade da Câmara de Aveiro sob a criteriosa presidência do sr. dr. Francisco António Soares, o qual afirma: «... tem-se procurado e há-de procurar-se sempre trabalhar com a mais decidida boa vontade, com o maior desejo de acertar, com uma ansia enorme de ser útil ao Municipio. Será nosso lema que tudo se fará por Aveiro e nada contra Aveiro.»

Apoiamos, e conte s. ex.ª com o nosso sincero concurso para bem servir o Concelho.

VENDER O ALHEIO

Ultimamente tem-se verificado que «cavalheiros de industria» vendem o que não lhes pertence e têm caído no logro os bem intencionados.

Ainda há dias um desses «cavalheiros» vendeu um pinhal situado na freguesia de Angeja, recebendo pelo negócio, na ocasião, 500 escudos de sinal. Porém, quando o comprador ia a proceder ao corte da madeira, appareceu o verdadeiro proprietário e o burlão viu o seu negócio desfeito.

É preciso ter-se o máximo cuidado com tais «cavalheiros de industria».

ILUMINAÇÃO PÚBLICA DA FRÊGUESIA DE CACIA

Atendendo à reclamação que há duas semanas fizemos a propósito da iluminação pública de Quintã do Loureiro, lugar da freguesia de Cacia, e para cumprimento ao exposto no officio que nos foi enviado pela Câmara Municipal de Aveiro, estão já colocadas todas as lâmpadas que se encontravam fundidas na iluminação pública do referido lugar de Quintã. E atendendo também à economia da luz, conforme determinações superiores, foram reduzidas as lâmpadas em toda a freguesia, acendendo apenas as que estão em locais de mais movimento.

A INAUGURAÇÃO DA Ponte Angeja-Cacia

Em vez de um bonito discurso dou-vos uma ponte, que é realmente bonita.

(Palavras do sr. Ministro das Obras Públicas).

Com uma imponência desusada efectuou-se no domingo preférito a anunciada inauguração da nova ponte em cimento armado sobre o rio Vouga, que vai da margem de Cacia à margem de Angeja, obra notável que honra a engenharia nacional e um melhoramento dos mais importantes para a nossa região, à qual vem decerto dar o desenvolvimento que de há muitos anos tem jús, collocando-a em comunicação com a rede de estradas de todo o País, não só para servir o trafego comercial e industrial do laborioso distrito de Aveiro, mas também para bem servir a mais interessante zona turística de Portugal.

Tanto a freguesia de Cacia como a de Angeja, empregaram os melhores esforços para que as festas fossem brillantes, por isso encontravam-se vistosamente ornamentadas as duas margens do Vouga com verduras e bandeiras. Do lado de Angeja estavam as bandas de música de ali e a de S. João de Loure, e no de Cacia a filarmónica «Amizade de Aveiro» e o «Grupo Musical Caciense» que, com as suas marchas alegres, deram durante a tarde a nota festiva, acompanhada com a queima de milhares de foguetes.

O povo colaborou nas festas com a mais franca alegria, dançando e cantando.

Depois do sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações ter assistido em Albergaria-Velha à inauguração do parque de jogos e dum bairro operário da Fábrica «Alba», e a uma sessão de boas vindas, o illustre titular respondeu aos discursos dizendo: — «Em vez de um bonito discurso dou-vos uma ponte, que é realmente bonita.»

Finda a recepção em Albergaria, Sua Ex.ª dirigiu-se em automóvel para a povoação de Angeja, onde às 19 horas foi recebido entre entusiásticas aclamações e estrondosas salvas de morteiros, procedendo à inauguração da nova ponte.

Um enorme cortejo de automóveis, com um acompanhamento de milhares de pessoas, atravessou a ponte até à margem de Cacia onde se encontravam os elementos representativos desta freguesia, entre os quais vimos o sr. dr. Conselheiro Manuel Nunes da Silva, valoroso pugnador dos melhoramentos da região; os srs José Simões Miranda, António Ildefonso Dias Pereira e António Gonçalves Nunes, membros da Junta da Freguesia de Cacia; os srs. Augusto Luís Marques, José dos Santos Bartolomeu e Samuel da Costa Santos, pelo Club Recreio Caciense; os srs. Manuel Rodrigues Carvalho, Rev.º Dr. Florindo Nunes da Silva; José Marques Damião e Anibal Cruz, representando a imprensa local; o sr. António Marques da Graça, pela Junta da Freguesia de Esgueira; os professores das Escolas de Cacia, de Sarrazola, Quintã do Loureiro e de Vilarinho, acompanhados pelos seus alunos; o Grémio da Lavoura do distrito; etc., etc. Entre alas de formosas tricanas e lavradeiras da região, que envergaram os seus típicos trajes, o sr. Ministro avançou até à margem de Cacia sob uma chuva de pétalas de flores e sempre muito aclamado com vivas e palmas. Nesta altura o sr. Engenheiro Duarte Pacheco abraçou o illustre caciense sr. dr. Conselheiro Nunes da Silva e, cortando a vedação, entrou em Cacia num delírio de aclamações e de vivas ao seu nome,

ao Presidente Carmona e a Salazar.

Terminados os cumprimentos, o illustre homem público seguiu para Aveiro e cerca das 20 horas voltou a Cacia, acompanhado dos srs. Governador Civil e engenheiros da Junta Autónoma de Estradas, dando um passeio em bateira pelo rio Vouga a observar os trabalhos da ponte. Ao desembarcar na margem de Angeja, o povo fez-lhe novamente uma grande manifestação, ao que Sua Excelência agradeceu.

Em virtude das festas da inauguração da «Rainha do Vouga», conforme o nosso povo denominou a nova ponte, afloiram a Cacia — (coincidência razoável pela ponte pertencer também ao concelho de Aveiro) — centenas de forasteiros vindos daquela linda cidade, sede do nosso distrito, munidos de farneis, passaram a tarde à sombra agradável dos salgueirais da margem esquerda do Vouga no meio da mais franca confraternização, sem que houvesse a mais pequena nota discordante, o que, infelizmente, não succedeu na outra banda, onde se notou algumas desordens e provocações impróprias do bom nome da nossa região.

Não era nosso desejo focar estas anomalias de ordem regional, mas, como a educação muitas vezes se divorcia do «bom-senso», sômos forçados aqui a registar estas pobreza de espirito, para gaudío daquelles que deprimem os vizinhos para erguer os seus vergonhosos caprichos. . .

E assim manifestamos a nossa repulsa contra quem não sabe prezar a sua terra e a sua região, quando outros, de parte a parte, são imensamente dignos e respeitadas pelo sacrifici-

ECOS & NOTÍCIAS

«DIÁRIO POPULAR»

Voltou a dar nos a honra da sua visita o brilhante «Diário Popular» que na nossa região é bastante lido e considerado o melhor jornal da tarde.

Agradecendo a continuação da amável permuta e felicitando o seu illustre director sr. dr. António Tinoco, fizemos os melhores votos pelas prosperidades do «Diário Popular».

EXAMES

Com alta classificação, passou para o 7.º ano do Seminário dos Olivais o sr. Ernesto Baptista, filho do nosso prezado colaborador sr. Ernesto da Silva Baptista, industrial de padaria e natural de Angeja.

Ao laureado estudante e a seus estremosos pais os nossos sinceros parabéns.

BEM-FAZER

Por intermédio do nosso amigo e assinante sr. António Gonçalves Amaro, recebemos a importância de 10\$00 Esc. que lhe foi entregue pelo também nosso amigo sr. Joaquim António Vieira, natural da vizinha freguesia de Fróssos, para, em sufrágio de seu filhinho, falecido em 19 do último mês, ser distribuída por dois pobres protegidos pelo «Ecos.»

Já fizemos a distribuição, sendo contemplados: Joaquim Fernandes Ribeiro e Rosa Rodrigues da Silva.

PARECE ANEDOTA

—Gostáste dos meus últimos versos?

—Gostei... Mas, pelo que vejo, a tua métrica é moderna.

—Os meus versos são feitos a olho...

Provérbios e

dizeres do povo

«De hora a hora Deus melhora». O dito é santo e feliz; Se não tenho melhor sorte E' que Deus inda não quis.

«Não há bem que sempre dure Nem mal que não acabe». Todo o bem que vem por mal E' sempre o que melhor sabe.

«Quem tem vagar faz colheres». E' provérbio muito antigo, Tanto tempo livre tenho, E falar-te não consigo.

«Muita parra e pouca jiva» E' certo, quem o diria! Julga-te um bem, um tesouro, E afinal não tens valia.

CARLOS FERNANDES.

cio e coêrência em prol da causa sagrada da terra que lhes serviu de berço.

Idioma Comum

No mundo em guerra definem-se cada vez mais nitidamente os contornos daqueles instrumentos que criaram v lores para a Civilização. Os povos não podem deixar de olhar os verdadeiros horizontes que naturalmente se vão delimitando, porque neles reside a mais forte esperança de um virio universal. Se o homem é o mesmo, as mesmas ha-ve-se ser as avanças que o alcançarem àquela perdida posição de illice superior da criação. Foram da tes, grandes, portugueses e brasileiros. Assim os fez a língua comum que falavam, a mesma fé que professavam, o semelhante ideal que os guiava. Passou o rotar dos séculos sobre e se tornou profundamente enraizado e na ta, pôde abrir a sua solidez. Hoje, como amanhã, serão, brasileiros de além-Atlântico e portugueses de todo o Mundo, sempre fiéis a tão altos princípios. Mais do que simples motivo de orgulho, a co-templação, a luz que irradia d'elles abre claras perspectivas a quem d'elles não se e transvia. Quando, há dias entregou à Direcção do Sindicato dos Jornalistas portugueses uma mensagem aos seus camaradas brasileiros, o Senhor Embaixador da Nação imã pô e justamente afirmar que «a vida contemporânea é encenada te vida de relção, cada vez mais extensa e profunda, nesta arduosa procura, em que andamos todos, de melhorar a sorte dos povos no cenário do Mundo». A língua portuguesa, uma das mais difíceis pelo Universo, há-de ser, através do jornal, ou do livro ou do pensamento como sempre—v lioso instrumento não só para os povos que entroncam a sua origem na História de Portugal, mas em todas as relações humanas em que essa história se reflecte. O caminho talhado pela língua portuguesa ao renascimento do século XV será de novo seguido e renovado, no outro renascimento—ê-te bem mais profundo e de bem diferente sentido—que a Humanidade exultará solit, chamando-a de novo às grandes estradas da vida: o renascimento da Paz.

S. João de Loure

Vaca morta.—Tendo há dias morrido uma vaca turina a sr. Margarida de Jesus Fernandes, das Azenhas, S. João de Loure, que é extremamente pobre, resolveram algumas pessoas suas amigas abrir uma subscrição para que ela possa fazer a compra de outra, o que é um acto muito louvável.

Quem desejar contribuir para esse fim, pode enviar qualquer óbulo para aquela senhora, e, em Lisboa, podem ser entregues ao sr. António Nogueira das Neves, na Calçada da Tapada.

Vende-se

Uma lanterna Hasag n.º 51-A, o seu funcionamento satisfaz. Esta redacção informa.

A' Margem da Guerra



Na Jugoslávia as guerrilhas actuam, destruindo combóios, depósitos de munições e de víveres e atacando tropas em marcha.

Dos frigoríficos nacionais não sai bacalhau impróprio para consumo

É infelizmente verdade que todas as repercussões da guerra na nossa economia em vez de serem compreendidas e julgadas como estranhas e contrárias à vontade do Governo, são, por má fé, exploradas, pelos inimigos ou pelos portugueses vendidos, como consequências do regime corporativo.

Cria: o Estado Armazéns Frigoríficos, equipados com a mais moderna aparelhagem para a conservação do bacalhau e dotados dos mais exactos laboratórios para averiguar o seu estado sanitário.

Gastaram se nisso avultadas quantias bem produtivas—despesa constantemente aumentada mercê da necessidade de manter à frente de tais serviços pessoal ilóneo dirigido por médicos veterinários sem-

RABISCOS

Palavras para um amigo

Uma das mais difíceis ciências da vida é dar interesse aquilo que o não tem; emprestar um pouco de beleza aos cenários de qualidades estéticas e atraentes. Uma casa, por pequena—uma que seja, desde que haja bom gosto, pode tornar-se um paraíso em miniatura, como será quando for a do meu amigo José da Cruz Leal que este ano acabou brilhantemente o curso de praticante de factor. Ele terá também uma casinha dessas, onde viverá com a sua querida esposa, —mulher enérgica, alegre e prendada—, numa estação do caminho de ferro do Minho, onde essa casinha, com cortinas de rendas ou de tule nas janelas, será o ninho de amor e de felicidade.

No Minho pitoresco e viçoso, as estações de caminhos de ferro são verdadeiros jardins, autenticos sorrisos em flôres espalhadas e m volta dum lar, são massiços graciosos de sardineiras, ramos frescos de malmequeres brancos e amarelos; bordaduras e cortinas de rosinhas de foncear;

pre prontos a inutilizar fardos de bacalhau que acur em quaisquer indícios de deficiência sanitária.

Não podem os técnicos dos Frigoríficos, como é manifesto, transformar miraculosamente a qualidade do produto—bacalhau originariamente inferior ao que habitualmente nos forneciam antes da guerra—por serem diferentes e impossíveis de obter as condições de pesca e secagem. Facilmente se compreende a diferença.

Por igual é impossível aos responsáveis pela conservação do bacalhau nos frigoríficos nacionais, evitar que mercê de deficiências e exageradas demoras nos transportes se produzam alterações que só cabem a circunstâncias absolutamente alheias aos organismos acusados por ignorância se não fôr por especulação política...

Pois a pesar de tais rigores ainda há quem culpe o corporativismo de faltas que só às consequências da guerra cabem. Dos armazéns frigoríficos é que não sai—porque os médicos não estão lá para outra coisa—bacalhau que dê mostras de menos bom para o consumo.

Propalar o contrário revela mais que ignorância: ólio político, ou simplesmente, maus sentimentos.

Aos nossos assinantes

Pedimos aos nossos estimados assinantes de Cacia e arredores, ofavor que antecipadamente agradeçamos, de mandarem liquidar à nossa redacção as suas assinaturas, que já terminaram, em virtude de nós não termos tempo algum disponível para esse serviço.

A todos, pois, agradecemos o vosso gesto, desejando vos cumprimos em nossa redacção.

canteiros de girassóis gigantes; a vida ali é digna de viver-se—e por o meu amigo José da Cruz Leal encontrará ali os seus sonhos cor-de-rosa, o seu futuro repleto de felicidades.

São os votos do seu amigo

Lx.º, 19-6-943

Alexandre Lima.

Crónica da capital

«Bêcos sem saída»

Habito uma casa que parece gemer o pezado aperto doutras mais «doutoras» e maiores num bêco cuja saída é feita pela entrada. No fundo, ao cauto, poéticamente chamado o «Canto das Sereias», o rapazio da área faz daquilo sala para devaneios românticos e vai pra ali, à noite, luar fora, fazer a corte às raparigas janelas, minhas vizinhas, —botões de rosa a desabrochar—por quem já alguns andam de «beija» e outros sentem ciúmes fortes.

A Maria Amélia e a Alice, ambas estudantes, duas raparigas lindas com quem nem nós, os «matulões» fugiria-mos do feitiço se muito nos apegássemos, popularisaram se no sítio. E é ver como toda a gente dali as respeita e tem por elas uma certa amizade, amizade que, aliás, nada, tem que ver com banalidades amorosas. Não há dia nenhum em que no bêco se não discuta, se não cante, se não ria, se não brinque, se não dance. E quantas vezes a noite avança e a horas taroias ainda se ouve falfetória grande. E' que as pessoas «gradadas» da rua chegam também a tomar parte no grupo a niero pretexto de conversas caseiras e de vigiar as filhas, não vão elas iludir se com os promettimentos da «malta».

Chega o mês Junho, o mês das festas populares. O bêco toma outro aspecto. Há rodas, fogueiras, baldes biz rros, luz a jorros. Toda a vizinhança vem à festa. A algazarra reperce se longe. Enche se o bêco. Delira-se de entusiasmos. A alegria espalha-se, confunde-se em rostos dilacerados por alguma tragédia íntima. Esquece-se tudo. Esquece-se o que se passou num ano para, depois, se voltar ao princípio, elas, as novas a esforçarem se por passar na escola; êles, os rapazes por lhes conquistarem os corações. E no bêco, durante o dia, o silêncio e à noite a alegria esfuante de sempre dos enamorados, das minhas vizinhas, «alma mater» daquele cantinho que muitas ruas, com várias saídas e entradas, gostariam de possuir.

Um caciense alfacinha.

A seguir:

«O crime do Ecos de Cacia»

Pescaria

No passado dia 12 do corrente realizou se uma abundante pescaria no rio Vouga, limite da Povoa, em homenagem aos nossos director e redactor-principal, que foi promovida pelo nosso prezado amigo sr. João Rodrigues Barbosa e seu filho Manuel, genro do nosso director, tendo como colaboradores os srs. António Baptista Ramos e Manuel Barbeiro, todos da Povoa.

A colheita da saborosa taímba foi uma coisa admirada de muita gente, o que causou grande contentamento aos pescadores amadores por verem bem coroados de bom êxito todos os esforços dos seus formidáveis mergulhos.

A bordo, foi preparada uma abundante e apetitosa pescaria do saboroso peixe, o qual foi bem regado, seguindo, no dia imediato, grande quantidade do mesmo para a capital, onde alguns amigos do «Ecos» o apreciaram acompanhado do belo verdasco.

Aos nossos amigos promotores de tão alegre pescaria,

A batalha do pão

Não há previsões que resistam aos precalços de uma guerra que dura há perto de quatro anos. Mas há sistemas que pela sua contextura quebrável, pelo sólido apoio de verdade em que se fincam, dominam todas as circunstâncias, vencem todas as dificuldades, alcançam sempre para as Nações e homens que servem o mínimo de Bem Comum indispensável a uma existência digna. O pensamento do Chefe—de larga compreensão técnica e humana das possibilidades nacionais—traçou há muito o caminho da economia corporativa. Definio-a de auto-direcção, sem desmandos da iniciativa privada, mas também sem limitações escensadas do Poder. Marcou-lhe, como caminhos mais justos, a exploração intensiva de um solo pobre, o alargamento progressivo da indústria, a permanente preocupação do aproveitamento colonial. Razões, assim razoáveis, nem a guerra nem a fome podia diminuir-las. Estão de pé, talqualmente então, servindo de medula à malha complexa da actividade económica da Nação. E a pesar de tudo, tem-se cumprido o programa. Mau grado as dificuldades do momento, por vezes avassalantes, a nan tem doído a tormenta e caminha, com mão segura ao leme, para a certeza de ver transformados em realidade os fundamentos que Salazar assinalou à economia portuguesa.

Fundamentos nacionais—fô a dos quais tudo é, hoje, falfel e contingente. A terra, base dessa economia. O que ela produz—pão, azeite, vinho, cortiça—base tradicional da nossa vida, merecendo a constante atenção do Governo. A política proteccionista da agricultura, incitando a uma maior produção frumentária, alicerce da vida do povo. Entretanto, às contrariedades da guerra junta se um mau ano agrícola. Há menos trigo e haverá, possivelmente menos milho. O Governo não desanima. Aumenta os bônus à lavoura e os subsídios de cultura; cria as condições de produzir mais; impõe a economia de substâncias, aconselha a mais justa distribuição; vela, sobretudo, pela fundamental política dos preços. Política conservadora; que dá ao Governo a possibilidade de manter um razoável nível de vida à Nação; dando a esta a certeza de que é dirigida por quem cuida dos seus interesses; e aos homens, o ânimo forte para curtir na adversidade a coragem precisa para vencer sempre.

Cândido Luís de Moura

SOLICITADOR

R. Comb. G. Guerra, 19 - AVEIRC

que jamais se apagará de nós, agradecemos a amável deferência que tiveram para com os chefes do «Ecos de Cacia».

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema, humido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogas

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Lda

Rua da Prata, 237 — LISBOA (70)

Moveis e Decorações

DA FÁBRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Bubeo, 701 — Marquez de Pombal
(69) Telefone 2640 PORTO

HERPEGUA

para:

Infecções da barba, impingens e demais doenças da pele

Peça já este produto à

FARMÁCIA MODERNA

... de ... (510)

Telefone 65. **José Pinto** AVEIRO

Construção de Padarias

MANUEL RODRIGUES NOGUEIRA

Construtor de fornos para Padarias

BORRALHA — ÁGUEDA

Encarrega-se da construção, em todos os sistemas, de fornos de padarias, fornecendo todas as ferragens, masseiras, tableiras e o restante para padarias.

Encarrega-se de tirar qualquer planta com prontidão e seriedade. Não temendo competidor. (449)

Máquinas de costura SINGER

e outras desde 200 a 1.500\$00 adiantadas



A casa que mais barato vende em todo o País. Grandes descontos aos srs. revendedores. (100)

Calçada de Santo André, 74 - LISBOA

Empresa Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL

Agente no Norte do País **Guilherme M. Coelho**

RUA DA VITORIA, 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de impressão em cores e preto; massas para rolos e vernizes tipo-litográficos (163)



Alípio Monteiro

ALFAIATE

EXECUTA com perfeição todos os trabalhos da especialidade para militares e civis.

PREÇOS MÓDICOS

Rua dos Anjos, 56-1.º

(Por cima da Esquadra)

Telefone 46057

LISBOA

Oficina de Fogo de Artificio

de — **José Soares Calçada** (239)

Taref de Souto — Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais artísticos fogos de ar, preso, aquático e tipo japonês, etc, etc.

Oficina de Carpintaria de masseiras para Padarias e Construção de fornos

de **JOSÉ DIONISIO** (385)

BORRALHA — ÁGUEDA Telefone público 47

Construtor de fornos dos melhores sistemas económicos e modernos. Encarrega-se da montagem de padarias completas. Modifica chaminés e fornos antigos para sistema moderno. Executa todos os trabalhos com perfeição e solidez, tanto a dia como de empreitada. Esta casa está devidamente legalizada com officina de carpintaria e serralharia para executar todos os utensílios pertencentes a padarias, masseiras, tableiros, caixas de lotes e engenhos para massa espanhola. Fornece estes artigos em boa madeira seca e com poucos nós. Também fornece portas de ferro para fornos de qualquer sistema a preços sem competencia e também faz fornos para cerâmica e grés.

Se quereis ficar bem servidos em economia e perfeição procurem sempre a antiga e acreditada casa de

JOSÉ DIONISIO — Borralha — ÁGUEDA

GRANDE SERRALHARIA

João Bolais Monica

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de serralharia, tais como: moínhos de água, vento e gado, carros volantes, etc. etc. (211)

V A G O

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das forças perdidas. Um cálice deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA (261)

Agência Funerária Capela

de **AMERICO DIAS CAPELA** (183)

Esta agência trata de qualquer funeral desde o mais simples ao de maior pompa, em caixões ou urnas de mogno, em qualquer terra do País e por preços módicos, desde que para tal seja requisitada. Tem sempre em depósito para venda e aluguer todos os parativos que dizem respeito aos mortos.

Chamadas pelo telefone Público — ESGUEIRA

V A G O

VINHO DO PORTO

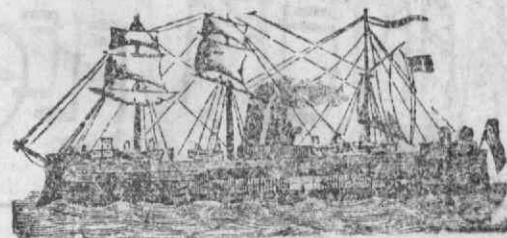
Rainha Santa

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:

Rodrigues Pinho (423)

A venda em toda a parte. — GAIA — PORTO

AGENCIA COSTA



PASSAGENS

Passaportes

PRAÇA - ESTARREJA

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, América do Norte, França e África e trata de toda a documentação legal para estes portos. Responde-se a toda a correspondência. (457)

Levedura Nacional

SELECIONADA

A preferida pelos bons panificadores

A que garante mais rendimento e mais consistência às massas para PÃO

A melhor para Panificação e Pastelaria

Séde da (11)

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLONIAS

Rua Jardim do Tabaco, 74 LISBOA

Produzir e Poupar

Não ignora, decerto V. Ex.ª que estas duas palavras encerram um tema da actualidade...

Barbearia Popular

Beco do Cascalho, 4 — LISBOA

(Junto ao Arco da R. Marquês Alagrete) encontra V. Ex.ª o objectivo desse tema que é: poupar e produzir economias!

Para isso tem e nota dos preços da nossa casa:

Cabelo e barba 2\$00

Só cabelo 1\$50 = Barba \$50

Fotografia Lisboa

Praça Francisco Barbosa — ESTARREJA

Nesta antiga fotografia executam-se com perfeição todos os trabalhos fotográficos. Quem precise de tirar retratos, fazer ampliações, esmaltes ou qualquer outro trabalho fotográfico, deve procurar esta acreditada casa.

Venda de máquinas fotográficas, e Cine-Kodak para amadores. Venda de rolos, Films Pack e para a Cine-Kodak, Leica e todos os acessórios para fotografia e cinematografia.

Revendedor autorizado da Kodak e Agfa.



Bicicletas

Ultimos modelos

DESDE (397)

Esc. 1.680\$00

ARMANDO CRESPO

R. do Crucifixo, 118 124 — LISBOA — Telet. 27072

Agência Funerária

António M. da Cunha

A casa que à mais de 50 anos se encontra ao serviço da nossa e outras terras, tendo sempre em depósito: Urnas para jazigos e para a terra, caixões modestos e de luxo, armação para igreja, e casa, cortas novas e de aluguer, mantos e vestidos bem assim como todos os acessórios pertencentes à sua arte.

Chamadas telefónicas para o 2.º posto público.

(437) Rua da República CACIA

OURIVESARIA VIEIRA

Sucessor de Almeida & Alves

Rua José Estêvão, 1 — AVEIRO

Compra — Venda de ouro, prata, jóias e relógios
Oficina para reparação de ouro, prata, relógios, tudo da forma mais perfeita e rápida.

Secção de óptica

venda de óculos de todas as graduações e por receita médica.

A máxima correcção em todas as transacções.